

<b>Título</b>	<b>Leilões no setor elétrico e os sinais da retomada</b>
<b>Veículo</b>	<b>O Estado de S. Paulo</b>
<b>Data</b>	<b>02 janeiro 2018</b>
<b>Autores</b>	<b>Claudio J. D. Sales e Eduardo Müller Monteiro</b>

**Opinião**

## Leilões no setor elétrico e os sinais da retomada

● CLAUDIO J. D. SALES E  
EDUARDO M. MONTEIRO

A última quinzena de 2017 merece ser comemorada pelos consumidores de eletricidade, pelas empresas do setor elétrico e pelas autoridades encarregadas da formulação de nossa política energética. Em apenas três dias (15, 18 e 20 de dezembro) foram leiloados novos ativos de transmissão e de geração de energia elétrica que mobilizarão R\$ 27 bilhões em investimentos. Nada mal para um país que vem de dois anos consecutivos de PIB negativo (-3,77%, em 2015, e -3,60%, em 2016) e que luta pela retomada econômica.

No dia 15 de dezembro, foram contratados 11 lotes de linhas e subestações de transmissão que cobrirão 11 mil quilômetros e envolverão R\$ 8,8 bilhões em investimentos. Como os vencedores do certame foram os que ofereceram a menor Receita Anual Permitida (RAP) pelo direito de executar a obra e operar a concessão, a intensa competição produziu um deságio de 40,4% em benefício dos consumidores, que verão a remuneração desses ativos incorporados às suas contas de luz com valores muito inferiores aos das RAPs máximas do início do leilão.

Já nos dois leilões organizados nos dias 20 e 22 de dezembro, foram arrematadas 88 usinas de geração de eletricidade que agregarão mais de 4.500 MW de potência e exigirão o aporte de R\$ 18,2 bilhões em investimentos nos próximos quatro a seis anos. A energia contratada deverá ser entregue a partir de janeiro de 2021 no caso do chamado Leilão A-4, do dia 20 de dezembro (ou seja, o leilão é feito em 2017, quatro anos antes – daí o A-4 – do ano “A” de início de operação da usina, em 2021). De forma análoga, as usinas do Leilão A-6, do dia 22 de dezembro, deverão começar a funcionar em janeiro de 2023.

A combinação dos dois leilões de geração impressionou por vários aspectos: 1) pela diversidade das fontes que firmaram contratos – eólicas, hidrelétricas de pequeno porte, solares, termoelétricas a biomassa e termoelétricas a gás natural; 2) pelos agressivos deságios médios (nos leilões de usinas também vale a regra “quem vence é quem constrói pelo menor preço”), de 54,6%

no Leilão A-4 e de 38,7% no Leilão A-6; e 3) pelo perfil dos empreendedores, com predomínio de empresas tradicionais, experientes e, segundo a própria Aneel, agência reguladora do setor, que “dão certo conforto” em relação à entrega dos projetos dentro do cronograma, diminuindo o risco de atraso nos projetos – risco que se materializou no passado por causa da entrada de ofertantes aventureiros.

Os deságios somados nos leilões de geração de energia serão convertidos numa economia para os consumidores de R\$ 75,2 bilhões ao longo dos contratos e provam que a construção de um ambiente baseado em confiança, credibilidade e competição é a melhor forma para ter um setor econômico sustentável.

Foi por acreditar na seriedade dos sinais emitidos pelas autoridades setoriais – Ministério de Minas e Energia (MME), Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), Câmara de Comercializa-

**Precisamos comemorar o sucesso do final de 2017 e temos razões concretas para iniciar 2018 com otimismo**

ção de Energia Elétrica (CCEE) e a própria Aneel – que os competidores se engajaram nos complexos e multimilionários estudos técnicos e econômicos que antecedem a preparação para os leilões.

Os sinais de seriedade acima incluem, apenas como exemplos: conservadorismo em relação à demanda do leilão, preços-teto realistas que não inibissem a competição e regras claras que não embutissem artificialidades ou improvisos de última hora, evitando acomodar interesses de grupos de pressão ou satisfazer agendas político-eleitorais.

Os esforços intensos de todos os que têm trabalhado para a recuperação do setor elétrico, que ainda sente os efeitos devastadores do intervencionismo e da inépcia do governo anterior, começam a produzir resultados. Precisamos comemorar o sucesso do final de 2017 e temos razões concretas para iniciar 2018 com otimismo.

\* SÃO, RESPECTIVAMENTE, PRESIDENTE E DIRETOR EXECUTIVO DO INSTITUTO ACENDE BRASIL. (WWW.ACENDEBRASIL.COM.BR)

A última quinzena de 2017 merece ser comemorada pelos consumidores de eletricidade, pelas empresas do setor elétrico e pelas autoridades encarregadas da formulação de nossa política energética. Em apenas três dias (15, 18 e 20 de dezembro) foram leiloados novos ativos de transmissão e de geração de energia elétrica que mobilizarão R\$ 27 bilhões em investimentos. Nada mal para um país que vem de dois anos consecutivos de PIB negativo (-3,77%, em 2015, e -3,60%, em 2016) e que luta pela retomada econômica.

No dia 15 de dezembro, foram contratados 11 lotes de linhas e subestações de transmissão que cobrirão 11 mil quilômetros e envolverão R\$ 8,8 bilhões em investimentos. Como os vencedores do certame foram os que ofereceram a menor Receita Anual Permitida (RAP) pelo direito de executar a obra e operar a concessão, a intensa competição produziu um deságio de 40,4% em benefício dos consumidores, que verão a remuneração desses ativos incorporados às suas contas de luz com valores muito inferiores aos das RAPs máximas do início do leilão.

Já nos dois leilões organizados nos dias 20 e 22 de dezembro, foram arrematadas 88 usinas de geração de eletricidade que agregarão mais de 4.500 MW de potência e exigirão o aporte de R\$ 18,2 bilhões em investimentos nos próximos quatro a seis anos. A energia contratada deverá ser entregue a partir de janeiro de 2021 no caso do chamado Leilão A-4, do dia 20 de dezembro (ou seja, o leilão é feito em 2017, quatro anos antes - daí o A-4 - do ano "A" de início de operação da usina, em 2021). De forma análoga, as usinas do Leilão A-6, do dia 22 de dezembro, deverão começar a funcionar em janeiro de 2023.

A combinação dos dois leilões de geração impressionou por vários aspectos: 1) pela diversidade das fontes que firmaram contratos - eólicas, hidrelétricas de pequeno porte, solares, termoeletricas a biomassa e termoeletricas a gás natural; 2) pelos agressivos deságios médios (nos leilões de usinas também vale a regra "quem vence é quem constrói pelo menor preço"), de 54,6% no Leilão A-4 e de 38,7% no Leilão A-6; e 3) pelo perfil dos empreendedores, com predomínio de empresas tradicionais, experientes e, segundo a própria Aneel, agência reguladora do setor, que "dão certo conforto" em relação à entrega dos projetos dentro do cronograma, diminuindo o risco de atraso nos projetos - risco que se materializou no passado por causa da entrada de ofertantes aventureiros.

Os deságios somados nos leilões de geração de energia serão convertidos numa economia para os consumidores de R\$ 75,2 bilhões ao longo dos contratos e provam que a construção de um ambiente baseado em confiança, credibilidade e competição é a melhor forma para ter um setor econômico sustentável.

Foi por acreditar na seriedade dos sinais emitidos pelas autoridades setoriais - Ministério de Minas e Energia (MME), Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) e a própria Aneel - que os competidores se engajaram nos complexos e multimilionários estudos técnicos e econômicos que antecedem a preparação para os leilões.

Os sinais de seriedade acima incluem, apenas como exemplos: conservadorismo em relação à demanda do leilão, preços-teto realistas que não inibissem a competição e regras claras que não embutissem artificialidades ou improvisos de última hora, evitando acomodar interesses de grupos de pressão ou satisfazer agendas político-eleitorais.

Os esforços intensos de todos os que têm trabalhado para a recuperação do setor elétrico, que ainda sente os efeitos devastadores do intervencionismo e da inépcia do governo anterior, começam a produzir resultados. Precisamos comemorar o sucesso do final de 2017 e temos razões concretas para iniciar 2018 com otimismo.

***Claudio J. D. Sales e Eduardo Müller Monteiro são do Instituto Acende Brasil ([www.acendebrasil.com.br](http://www.acendebrasil.com.br))***